

MARCHETTI, Dominique. **Quand la santé devient médiatique**: les logiques de production de l'information dans la presse. Grenoble: PUG, 2010.

JOÃO GILBERTO DO NASCIMENTO LIMA*

Título original em francês: **Quand la santé devient médiatique**: les logiques de production de l'information dans la presse. Grenoble: PUG, 2010.

Título em inglês: **When health becomes media**: the logical production of information on the press.

Em continuidade a uma longa investigação sobre as lógicas subjacentes às transformações sofridas pelo campo jornalístico francês, que engloba, dentre outros trabalhos, uma tese de doutorado realizada no seio da *École des Hautes Études en Sciences Sociales* e concluída em 1997, o livro de Dominique Marchetti, *Quand la santé devient médiatique*, ora resenhado, apresenta um exame minucioso dos mecanismos internos e externos que operam nesse universo a partir da segunda metade do século XX, tendo por cenário privilegiado para observá-los a produção da informação de saúde e os processos pelos quais essa informação, antes relativamente especializada e confinada a círculos sociais e profissionais restritos (obedecendo majoritariamente às concepções dominantes no campo médico), transforma-se em uma informação *omnibus*, ou seja, voltada para o “grande público” e, portanto, submetida às dinâmicas de produção e às expectativas próprias a um campo jornalístico cada vez mais sujeito às pressões da política e do mercado.¹

Fortemente assentado nos pressupostos teórico-metodológicos dos trabalhos de Pierre Bourdieu, o autor enfatiza mais diretamente a questão da autonomia relativa dos campos, as propriedades

* Bacharel e mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Maranhão, tendo desenvolvido pesquisas sobre recrutamento de elites políticas, disputas faccionais e concorrência eleitoral no Maranhão entre os anos de 2008 e 2012. E-mail: joaogilberto@ymail.com.

¹ Para sistematizações anteriores de algumas questões tratadas na presente obra, ver Champagne e Marchetti (1994) e Marchetti (2007).

sociais e as estratégias dos agentes e instituições envolvidos na produção da informação médica.² Marchetti também trabalha no prolongamento de discussões avançadas por Patrick Champagne, no que diz respeito à midiatização de problemas sociais e à introdução de novas técnicas, como as sondagens, entre as formas de definição da “opinião pública”.³

Num primeiro momento, é destacada a importância adquirida pelo domínio das mídias face aos diversos setores sociais que são cobertos, transformando-se em um elemento incontornável e que interfere de forma crescente nas lutas internas aos diferentes campos. Isto não quer dizer que a representação dominante do espaço midiático como uma espécie de “quarto poder” seja corroborada pelo autor. Para superar tal obstáculo, a análise é direcionada em outro sentido, qual seja, o de destacar a posição estratégica que as mídias hoje ocupam “não somente nos campos político e intelectual, mas em espaços sociais cada vez mais amplos (econômico, médico, judiciário etc.)” (MARCHETTI, 2010. 7-8), de sorte que se configura, com o passar do tempo, uma relação de interdependência entre as lógicas que vigoram no campo jornalístico e as que regem os demais universos sociais. Devido a essa posição, o campo em pauta opera uma mediação importante, retraduzindo a seu modo as transformações que ocorrem nas variadas esferas cobertas e, de modo mais geral, no espaço social.

Diante desta constatação, Marchetti defende uma sociologia da produção midiática, pontuando que as mídias desempenham atualmente um papel muito relevante para serem confiadas somente à crítica moral e política. Trabalha-se então com uma perspectiva mais geral, um ponto de vista sobre o conjunto dos pontos de vista, que seja mais distânciado do jogo profissional e das disputas que aí se desenrolam, de modo a possibilitar “uma análise relacional das mídias e dos jornalistas, certamente atenta aos discursos, mas também às estruturas e às práticas” (MARCHETTI, 2010. 18).

Entre os méritos da obra, sem dúvida destaca-se a variedade de materiais mobilizados para a sua realização, indo desde entrevistas com jornalistas em atividade no período considerado, passando pela análise de arquivos, reportagens e artigos publicados, além de uma competente revisão bibliográfica sobre o tema. Tamanho acúmulo teórico e empírico permite a Dominique Marchetti trazer à tona as formas pelas quais o campo jornalístico

² Cabe destacar o uso variado dos termos campo e espaço para designar o domínio dos jornalistas e das mídias, que são empregados no decorrer do livro como sinônimos. A forma como são utilizados não é irrefletida e aponta para uma questão estrutural própria ao funcionamento do campo jornalístico: a constante ameaça à sua autonomia devido ao fato de ser mais suscetível a condicionantes externos. Este e outros elementos correlatos já foram tratados por Bourdieu (1994) e Champagne (1995).

³ Mais especificamente, as discussões nessa linha que norteiam Dominique Marchetti em sua investigação podem ser encontradas em dois trabalhos exemplares: Champagne (1991 e 1996).

conquista progressivamente mais autonomia face aos poderes médicos no tratamento das questões de saúde, o que acarreta no desenvolvimento de uma informação menos técnica e mais “crítica” e politizada.

Ao esboçar o processo de construção das rubricas de saúde e o seu desenvolvimento nas mídias de informação geral, o primeiro capítulo, “Uma informação sob controle”, apresenta as razões que levaram a informação médica a ocupar um lugar “à parte” em meio à produção midiática, já que ela era “bem dominada pelas autoridades médicas em colaboração com um pequeno grupo de jornalistas especializados” (MARCHETTI, 2010. 19).

Entre os anos 1950 e 1980, as relações estabelecidas entre os campos jornalístico e médico evidenciavam as divergências nos seus respectivos princípios de legitimação. Os cientistas não consideravam a imprensa como um lugar de discurso apropriado, ao contrário das revistas científicas, instâncias por excelência de consagração e controle dos pares, de maneira que, principalmente na década de 1950, o espaço midiático era utilizado apenas para divulgar mensagens de educação sanitária muito controladas. O trabalho científico restante era excluído de qualquer tipo de midiáticação, pois os agentes do campo médico compartilhavam a crença de que este não poderia ser compreendido pela maior parte dos jornalistas, tampouco pelo público em geral. Por conseguinte, o que se observa é o relativo controle do universo médico sobre o que era midiaticizado em matéria de saúde, bem como sobre sua própria imagem veiculada na imprensa.

A tônica era de uma relação de colaboração entre o meio científico e os poucos jornalistas responsáveis por sua cobertura, conduzindo a uma representação idealizada, positiva e bastante consensual da ciência e a uma informação fundamentalmente técnica e desprovida de considerações de ordem moral, econômica ou política (com destaque para a posição ocupada pelo *Le Monde* nesse processo), revelando o pouco peso atribuído ao público e aos índices de audiência na produção dessa informação nesse primeiro momento.

No segundo capítulo, “A nova atualidade da saúde... pública”, Dominique Marchetti procede à investigação da expansão do domínio da saúde no conjunto das mídias, sendo esta o produto de transformações no espaço social que se iniciaram em meados dos anos 1940, como o aumento quantitativo e qualitativo da população francesa, com a elevação do nível geral de escolarização e a intensificação da urbanização. Estes aspectos propiciaram a difusão de novas categorias de percepção do corpo, a elevação do consumo de bens e serviços médicos e maior competência médica por parte dos pacientes, aumentando a demanda por esse tipo de informação.

Tão importante para a midiatisação da saúde quanto as mutações sofridas pelos públicos é a intensificação das questões econômicas e políticas que passam a atravessá-la. Por um lado, a busca por aplicações práticas e imediatas das descobertas científicas se desenvolve e, por outro, amplia-se a necessidade que os agentes do campo médico têm de estabelecer relações com o Estado e empresas privadas. Conjuga-se a isso a importância adquirida pelo setor de saúde no seio da política nacional.

Este cenário propicia alterações significativas no conteúdo da informação em questão, que se “desmedicaliza”, isto é, perde em grande parte o caráter técnico que possuía outrora. Destaca-se aqui um tipo de cobertura jornalística que assume uma ruptura relativa com o campo médico, com a pretensão de se estabelecer como um “contra-poder”. Os jornalistas engajados nesse empreendimento fazem uso frequente de abordagens investigativas que objetivam revelar “escândalos” e “polêmicas” que versam sobre as implicações das políticas de saúde e os problemas éticos e/ou morais envolvidos na atividade médica, por exemplo. Em suma, está em pauta uma verdadeira “mudança de *doxa* em matéria de responsabilidade médica da qual participaram ativamente os jornalistas” (MARCHETTI, 2010. 71).

Esse movimento que conduz a informação de saúde de um tratamento mais controlado e técnico a outro mais “crítico” e politizado é resultado de mudanças nos padrões de recrutamento dos jornalistas que tratam das questões médicas. A nova geração que adentra nesse domínio em meados dos anos 1980 apresenta um nível maior de especialização nas problemáticas médicas (muitos inclusive seguiram estudos em medicina) em comparação a seus antecessores, algo que “deve muito ao fato de que os quadros dirigentes da imprensa buscam então desenvolver ou reforçar um ‘jornalismo expert’ em muitos setores” (MARCHETTI, 2010. 76). Por meio da condição de especialista, estes jovens jornalistas pretendem elevar a rubrica médica (que se encontra à época numa posição relativamente baixa na hierarquia das especialidades jornalísticas) ao patamar das rubricas mais prestigiosas, almejando maior visibilidade e legitimidade perante seus superiores, públicos e informantes.⁴

Os esforços dessa geração de jornalistas contribuíram sobremaneira para a emergência dos “casos médicos” que estão relacionados à contaminação pelo vírus da Aids, objeto do terceiro capítulo do livro, “A emergência de um jornalismo ‘crítico’”. Estes casos estão, segundo Marchetti, no cerne das maiores transformações sofridas pela informação de saúde entre os

⁴ Para um maior detalhamento a respeito dos subcampos especializados do jornalismo francês e a hierarquia que se estabelece entre eles, consultar Marchetti (2002).

anos 1980 e 1990 e revelam a perda do *status* de exceção da mesma, que passa a obedecer a lógicas de produção exteriores ao campo médico.

Devido às suas múltiplas dimensões (políticas, econômicas, sociais, morais etc.) a contaminação pelo vírus da *Aids* acabou por participar desse “processo de ‘desmedicalização’, de banalização da informação de saúde e, de modo mais geral, da transformação das relações entre jornalistas e o universo médico” (MARCHETTI, 2010: 81). Para demonstrar isso, o autor procede a um duplo estudo de caso, se debruçando sobre dois momentos de intensa midiaticização do contágio pela doença em questão: o “caso da vacina anti-hepatite B” (1983) e aquele que ficou conhecido como o “escândalo do sangue contaminado” (que se estendeu de 1991 a 1997).

Em se tratando do “caso da vacina anti-hepatite B” – que consistiu basicamente no risco teórico de contaminação pelo vírus HIV através da vacina –, o estado da estrutura do campo jornalístico (e particularmente do subcampo do jornalismo médico) ainda não favorecia a transformação deste caso num “escândalo” propriamente dito, ou seja, com uma carga de politização e dramatização elevada, muito embora as premissas de um jornalismo “crítico” já estivessem presentes. À época do caso, os jornalistas especializados possuíam pouca autonomia em relação às suas fontes e o princípio de visão dominante ainda estava majoritariamente nas mãos dos cientistas, tornando o tratamento da informação em geral mais cauteloso.

O “caso médico” subsequente – caracterizado pelos numerosos casos de *Aids* registrados principalmente entre hemofílicos após transfusões sanguíneas efetuadas com sangue de doadores infectados pelo vírus – cristalizou os conflitos internos ao subcampo do jornalismo médico que foram gestados no período relativo ao caso anterior. As disputas em torno da interpretação legítima do “escândalo” (e mesmo se ele deveria ser considerado ou não como tal) permitem visualizar as respectivas tomadas de posição dos diferentes jornalistas e das mídias para as quais trabalham. Os embates tornam-se mais pronunciados e virulentos, e as oposições profissionais ficam mais claras.

Em “A divisão do trabalho jornalístico”, quarto capítulo do livro, o autor restitui o funcionamento das redações e os modos pelos quais a saúde, alvo crescente de problemáticas de ordem política, econômica e jurídica, contribui para a intensificação da concorrência entre jornalistas no interior destes ambientes de trabalho.

O “escândalo do sangue contaminado” configurou-se como um momento revelador das hierarquias sociais e profissionais que perpassavam as redações. Isto é particularmente importante, pois “o que compõe a ‘atualidade’

não é evidente (...) e esta constitui objeto de lutas permanentes no seio das redações sobre os acontecimentos a tratar, sua hierarquização ou ainda o sentido que é preciso lhes dar” (MARCHETTI, 2010: 116).

Em meio a estas disputas e com o “escândalo” adquirindo um caráter cada vez menos técnico, outros jornalistas, que não apenas aqueles dedicados à cobertura do domínio científico, passam a tomar posição sobre o caso, o que permite a Dominique Marchetti cotejar as lógicas complexas que regem a divisão do trabalho jornalístico e suas consequências concretas no tratamento da informação de saúde.

Com jornalistas de outras especialidades passando a intervir fortemente no que se noticia sobre o “escândalo”, os jornalistas médicos, que continuam a ocupar uma posição marginal no seio do campo jornalístico, internalizam sua condição dominada e são progressivamente desapossados do monopólio da produção da informação médica, que passa a ser protagonizada por profissionais das rubricas de maior prestígio, como os jornalistas políticos. Devido à sua posição dominante, tais jornalistas contribuem de maneira contundente para a transformação da mediação das questões de saúde, já que “o que interessa esse tipo de jornalistas é (...) menos a análise dos fatos e das causas das contaminações pós-transfusionais do que suas consequências imediatas sobre o jogo político” (MARCHETTI, 2010: 136).

No último capítulo, “A saúde, uma questão profissional e comercial”, são perquiridos os mecanismos internos e externos ao campo jornalístico que estão diretamente relacionados à expansão da informação de saúde para o “grande público” e à perda do seu *status* de exceção. Segundo o autor, tais mecanismos

remetem à concorrência entre mídias e jornalistas pela posse de dois tipos de capitais: um (...) é o capital jornalístico, notavelmente a reputação, no seio do meio profissional; o outro é o capital econômico, que remete amplamente à conquista dos públicos ou de suas representações reais ou supostas e, por essa via, ao trabalho a fazer para conquistá-los” (MARCHETTI, 2010: 139).

Essa dupla questão (profissional e comercial) se torna mais forte com o aumento do número de mídias audiovisuais privadas nos anos 1980 e 1990, que, sobretudo no período do “escândalo do sangue contaminado”, intensifica o peso dos condicionantes do mercado e dos índices de audiência (que foram secundários durante muito tempo, enquanto as temáticas de saúde estavam voltadas para os interesses e as hierarquias próprias ao campo médico) na produção da informação em pauta, levando a mudanças drásticas na mediação do caso, como a simplificação das explicações

e o aumento da sua dramatização. As declarações dos representantes das instituições médicas se tornam menos frequentes e são substituídas pelos depoimentos dos doentes e de seus familiares, acompanhados por “imagens fortes”, algo considerado fundamental para captar os públicos na televisão.

Ao insistir, de forma mais específica na posição estratégica do campo jornalístico especialmente nas suas relações com os campos científico, econômico e político, o eixo central que estrutura toda a análise de Dominique Marchetti é, portanto, a questão dos efeitos mútuos exercidos pelas dinâmicas que vinculam este campo aos demais universos sociais e profissionais que ele cobre e de como isto tem influência direta sobre a produção de uma dada informação.

Tomando para análise os “casos médicos”, o autor trilha o caminho rumo ao esclarecimento das transformações mais gerais ocorridas no campo jornalístico e no espaço social que conduziram à “desmedicalização”, politização e judicialização da informação de saúde, atualmente concebida mais em termos morais e de opinião, com a constituição das mídias em “tribunal da opinião pública”.

Quand la santé devient médiatique coloca de maneira muito pertinente a interrogação sobre as condições de possibilidade da midiaticização de problemas sociais, que devem ser pensadas não apenas em termos estritamente jornalísticos, mas como processos complexos que envolvem relações de força entre campos com lógicas de funcionamento, hierarquias e princípios de legitimação relativamente distintos.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. L'emprise du journalisme. **Actes de la recherche en sciences sociales**, n. 101-102, p. 3-9, 1994.

CHAMPAGNE, Patrick. La construction médiatique des “malaises sociaux”. **Actes de la recherche en sciences sociales**, n. 90, p. 64-76, 1991.

_____. La double dépendance. Quelques remarques sur les rapports entre les champs politique, économique et journalistique. **Hermès**, n.17-18, p. 215-229, 1995.

_____. **Formar a opinião**: o novo jogo político. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____; MARCHETTI, Dominique. L'information médicale sous contrainte. À propos du “scandale du sang contaminé”. **Actes de la recherche en sciences sociales**, n. 101-102, p. 40-62, 1994.

MARCHETTI, Dominique. Les sous-champs spécialisés du journalisme. **Réseaux**, n. 111, p. 21-55, 2002.

_____. Une information “à part”. L'information médicale de l'après-guerre au début des années 1980. **Questions de communication**, n. 11, p. 71-90, 2007.